



CORPO E SAÚDE: UM OLHAR ACERCA DAS PERCEPÇÕES DE PROFESSORES (AS) DA REDE PÚBLICA DE GOIÂNIA.

Angélica Teixeira da Silva¹
Ana Márcia Silva²
Bruno de Oliveira e Silva³
Larissa Miranda de Pádua⁴
Sissilia Vilarinho Neto⁵

RESUMO

Esse artigo discute as percepções e o trato com o corpo e a saúde entre professores de Educação Física da rede pública de ensino da cidade de Goiânia (GO/Brasil), apresentando dados de pesquisa desenvolvida entre os anos de 2009 e 2010. Foram investigados 34 professores atuantes em instituições nas doze regiões administrativas do município, com o uso de questionários e entrevistas semi-estruturadas. Os dados indicam a predominância de uma concepção de saúde ainda próxima da convencional; porém, no que diz respeito ao corpo, os dados indicam um aprofundamento conceitual que busca superar dualismos e manter certo afastamento com a lógica da indústria cultural.

Palavras chave: *corpo, saúde, educação física escolar.*

BODY AND HEALTH: LOOKING ABOUT THE PERCEPTIONS OF TEACHERS OF THE GOIANIA PUBLIC NET OF SCHOOLS

ABSTRACT

This text discuss the perceptions and the treatment with the body and the health between teachers of physical education of Goiânia public net of schools (GO/Brazil), showing data of a research realized in the years of 2009 and 2010. It was Investigated 34 teachers that work in institutions of twelve municipal administrative regions, with a questionnaire and a semi-structured interview. Results show the predominance of a traditional health conception, but, when the body is discussed, data indicate a conceptual deepening, that try to overcome dualisms and to maintain a certain distance of the culture industry logic.

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Goiás (UFG)

² Professora da Faculdade de Educação Física da UFG.

³ Professor da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ciências: Química da Vida e Saúde - FURG

⁴ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFG.

⁵ Professora da Faculdade de Educação Física da UFG.



Keywords: *Body, Health, Scholar Physical Education*

CUERPO Y SALUT: UNA MIRADA ACERCA DE LAS PERCEPCIONES DE MAESTROS (AS) DE LA RED PÚBLICA DE GOIÂNIA.

RESUMEN

Este artículo analiza la percepción y el tratamiento con el cuerpo y la salud entre profesores de educación física de escuelas públicas de la ciudad de Goiânia (Goiás/ Brasil), presentando datos de investigación desarrollada entre los años 2009 y 2010. Se investigaron 34 maestros que trabajan en instituciones en las doce regiones administrativas de la ciudad, mediante cuestionarios y entrevistas semi-estructuradas. Los datos indican el predominio de una concepción de salud cercana de la convencional, pero con respecto al cuerpo, los datos indican un desarrollo conceptual que busca superar los dualismos y mantener cierta distancia de la lógica de la industria cultural.

Palabras-clave: *cuerpo; salud; educación física escolar*

Introdução

As questões relacionadas às concepções de corpo de professores de Educação Física atuantes na área escolar há muito vem sendo tratadas na literatura acadêmica (BARBOSA, 1996), bem como as relações entre corpo e saúde (VAZ, 2002; FRAGA, 2008; MENDES; NOBREGA, 2009). Essa temática tem se mantido entre os objetos de estudo preferenciais da Educação Física em todos os seus campos de intervenção, seja na escola, na academia de ginástica, serviços de saúde dentre outros possíveis.

Concordando com LÜDORF (2005, p.244), observamos que os temas em questão possuem relevância com área do conhecimento da Educação Física, pois, afinal [...]

Independente da frente de trabalho, um dos atores mais reconhecidamente envolvidos com as demandas sócio-corporais contemporâneas e, obviamente, com a educação corporal, ainda que nas mais diferentes perspectivas, é o professor/profissional de Educação Física.

O que nos garante ser esse um tema emergente no contexto atual que se configura em uma realidade de crescentes olhares ao corpo em suas múltiplas interpretações, seja nas questões pertinentes à saúde, seja nas questões pertinentes à corporeidade dentre outras.

Meandros da pesquisa

O presente texto discute qual a concepção de corpo e seus desdobramentos na compreensão de saúde e prática pedagógica de professores de Educação Física que atuam na rede pública de educação de Goiânia – GO, parte dos resultados de pesquisa desenvolvida entre os anos de 2009 e 2010 com 34 professores atuantes em 21 escolas, as quais são representativas de doze regiões administrativas da cidade de Goiânia (GO/Brasil). Dentre as escolas pesquisadas estão instituições das redes municipais de ensino (13 no total), estaduais (7 no total) e uma conveniada.



Foi aplicado questionário aos professores com perguntas abertas e fechadas contendo cinco blocos de questões, algumas delas com atenção a sua percepção/relação com as estudantes. Os blocos de questões objetivavam, por ordem, evidenciar o perfil sócio-econômico, a percepção de corpo, gênero e sexualidade, além de outros blocos com questões pertinentes à prática pedagógica e seleção de conteúdos e espaço para que os professores manifestassem suas opiniões acerca da temática da pesquisa.

Dentre esses professores, oito (3 mulheres e 5 homens) foram selecionados para participar da entrevista do tipo semi-estruturada com quatro blocos de questões, quais sejam: Avaliação da formação; identificação dos problemas; prática pedagógica; e políticas públicas, além de espaço para sugestões à pesquisa.

Os sujeitos pesquisados: Quem são esses professores?

A partir dos dados coletados no questionário, foi possível traçar um perfil sócio econômico dos professores pesquisados. Dos 34 professores pesquisados, 14 eram homens e 20 mulheres. Este dado aponta para a proporção de homem/mulher de 0,7. Segundo dados do IBGE (2010), a proporção de homens para mulheres em Goiás é de 0,966.

Dos pesquisados, a maioria encontrava-se na faixa entre 21 à 30 anos (14 pessoas, correspondendo à 41 %), indicando um perfil relativamente jovem. Outro grupo significativo, 38%, tinham idade entre 31 à 40 anos e os demais distribuídas nas outras faixas, como pode-se observar no gráfico abaixo.

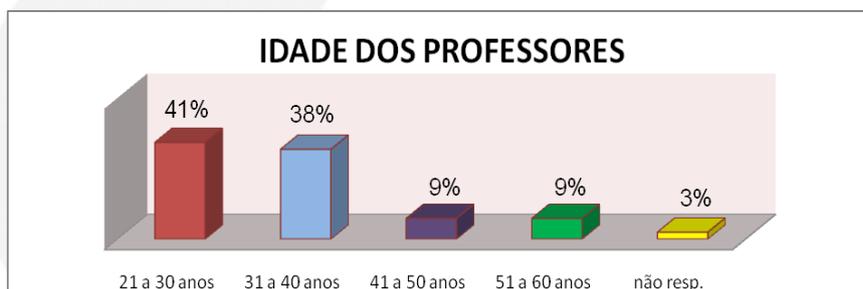


Figura 1. Gráfico de idade dos professores.

No que diz respeito à formação acadêmica, 79% dos pesquisados informam ter feito seu curso superior em instituições públicas situadas em Goiás; 12% relatam serem formados em instituições particulares, que se situam entre os estados de Goiás, São Paulo e Mato grosso. Os demais não informaram a instituição onde se graduaram.

Quanto ao tempo de formação, em sua maioria os professores possuem até 5 anos de formação (35%), o que sugere um perfil de professores provavelmente mais atualizados em relação às tendências pedagógicas em Educação Física, bem como, também, possivelmente mais cientes em relação as demandas sociais, ainda que com menor experiência profissional.. Dos demais, os dados indicam que 21% possuem entre 6 à 10 anos, 24% possuem entre 11 à 20 anos de formados, 6% entre 21 e 30 anos e por fim, 3% informam ter de 31 à 40 anos concluído seus estudos de graduação.

Quando questionados sobre há quanto tempo lecionam a grande maioria dos pesquisados (44%) responderam dar aula entre 1 e 5 anos, indicando, mais uma vez, um perfil jovem e pouco experiente no



âmbito profissional, mas com uma formação mais atualizada no nível inicial da carreira docente. Os demais se situaram em diferentes faixas de tempo no magistério, conforme observa-se na figura abaixo.

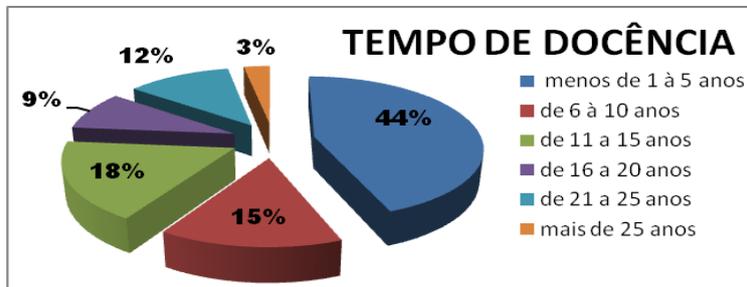


Figura 2. Gráfico do tempo de trabalho com docência.

Quando questionados sobre o tempo de docência na mesma escola, 29% dos professores relataram trabalhar há pouco tempo nas instituições de ensino em que se encontravam neste caso, menos de um ano e 18% trabalham há menos de 2 anos nas instituições pesquisadas; também 29% trabalham de 2 a 5 anos na instituição participante da pesquisa; 6% trabalham de 6 a 10 anos e igualmente 6% trabalham de 11 a 15 anos na instituição; 3% trabalha de 16 a 20 anos na escola pesquisada e por fim 9% trabalha há mais 21 anos na instituição participante da pesquisa.

Estudantes e docentes: Que corpo é percebido?

Primeiramente, procuramos verificar a sensibilidade dos professores em relação às necessidades de suas alunas correlacionadas a sua corporalidade, necessidades estas que poderiam ser tomadas enquanto conteúdos e com um trato pedagógico específico.

Dos professores que responderam essa questão, onze relataram observar demandas relativas à estética das estudantes, bem como relativas a sensualização que se expressa no corpo, acentuada pelo vestuário e acessórios que chamariam a atenção, tornando o corpo um “objeto desejado”. Uma professora informa observar demandas das estudantes, mesmo bastante jovens, que “[...] usam roupas que mostram mais as curvas e as deixam sensuais.” (P.34). Reforçando essa percepção, outro professor nos relata: “Observo em alguns pontos no que se refere à sexualidade, a aparência física, a imagem e a utilização do corpo como mercadoria, este último item, infelizmente.” (P.2). Destacamos também a fala de uma professora que observa pouca demanda, talvez, “[...] devido ao Colégio ter regras, como exemplo, uso devido do uniforme e evitar roupas curtas e apertadas, o que acho correto evitando assim posteriores problemas nesta faixa de idade.” (P.30). Essa forma de organizar o corpo na escola se assemelha à organização da Educação Física portuguesa no início do Século XX, quando havia uma preocupação com o desenvolvimento da saúde e higiene, mas também expressa no corpo das alunas.

Ao vincar o carácter higiênico e formativo da actuação, e para que esta se afastasse de qualquer eventual semelhança com meras exibições comerciais, as jovens estudantes envergavam sobre a pele um conjunto de alvura imaculada: camisa larga de manga curta, fechada à frente por pequenos botões, uma gola revirada, um pequeno bolso do lado esquerdo do peito, as iniciais da escola de formação de professores de educação física – Inef – bordadas em castanho escuro. Vestiam um calção-saia amplo, o pano liso e forte estendia-se até o joelho. Neste caso, a finalidade educativa e



higiênica justificava a apresentação efectuada com ordem e obediência estreita a um plano superior (HASSE, 2009, p. 63).

A força do ideal estético vigente mostra-se, também, na avaliação de outros oito professores que perceberam esse tipo de comportamento informando que muitas estudantes os procuram para ajudá-las a emagrecer, enrijecer e tonificar os músculos, pois anseiam se adequarem ao padrão estético. As estudantes estariam “[...] preocupadas com atividades que emagreçam, mesmo com 8/9 anos.”, como nos relata uma professora (P.22). O relato de outra professora também reforça esta percepção, indicando: “[...] muitas vezes algum interesse específico ao modelar o corpo, cuidar da barriga, emagrecer.” (P.23). Um professor (P.1) observa também que há “[...] Uma preocupação exagerada pela beleza corporal, deixando em segundo plano questões como a saúde do corpo.”. Ainda podemos destacar a fala: “Relação entre alimentação e exercício físico como benefícios para a saúde e estética corporal.” (P.33). Outro professor nos informa que é interesse das estudantes conhecerem “A relação ATIVIDADE FÍSICA/ESTÉTICA.” (P.21) e ainda saber sobre “Assuntos que envolvam estética corporal, musculação, distúrbios alimentares.” (P.5). A busca por informações relacionadas á estética, sobretudo entre as mulheres, parece não ser tão recente, ainda que se observe uma antecipação do momento da vida em que isso ocorre. Alguns estudos apontam para a busca de um dado padrão corporal feminino, pelo menos desde o início do século XX, tanto em Portugal na década de 1920 (HASSE, 2009), como no Brasil, sobremodo, desde os anos 1930 (GOELLNER, 2009).

Alguns professores mencionam ainda que suas alunas não teriam tanto interesse assim em conhecer mais seus corpos. Podemos notar isso no seguinte relato, que menciona que as alunas teriam interesse em saber “Como manter o corpo saudável?, O que fazer para emagrecer? OBS: Isso quando lhes interessa, o que é muito raro?” (P.24). Isso poderia nos mostrar que alguns poucos professores observam certo desleixe com a estética e a higiene, talvez uma compreensão com fundamentos higienistas de que é necessário um cuidado individual com o corpo físico no sentido da aparência saudável.

As alunas procurariam então saber como se manterem nos padrões estéticos aceitáveis, numa tentativa, talvez, de expressar corporalmente seus caracteres sexuais, uma forma simbólica de representar uma maturidade psicológica ou sexual. Vejamos outra declaração: “[...] Só vejo que as meninas procuram mostrar de certa forma que já são mulheres e os meninos que já são os valentões, homens, todos já ‘adultos’ sendo que na verdade não passam de crianças.” (P.30).

Numa percepção que estaria mais próxima das questões biológicas, alguns professores dizem observar demandas relativas às questões de higiene e cuidado com a alimentação; cuidados com o corpo em geral, relacionando esse cuidado a saúde e a estética. Vejamos a fala de um professor (P.15) ao responder questões nesse campo: “Sim. Relacionadas às práticas higiênicas e estética corporal”. Outra professora (P.7) também reforça, afirmando tais cuidados: “Sim em relação à alimentação (hábitos alimentares)”. Parece-nos que alguns professores observariam uma marca impressa da saúde no corpo que pode ser identificada como uma saúde “a flor-da-pele”. Outro aspecto a ser considerado é o fato de haver uma aproximação da concepção de beleza e saúde, haja vista, ambos serem considerados positivos, do ponto de vista do juízo de valor (BAPTISTA, 2007; SILVA, 2001). De acordo com Baptista et al (2010, p. 184): “Pode-se também deduzir que para os informantes ocorre uma aproximação entre a noção de saúde e de estética (beleza do corpo)” [...]. Nesse mesmo estudo é possível identificar a relação da saúde com a alimentação saudável. Ademais, esta forma de pensar a saúde não deixa de estar vinculada à uma perspectiva de saúde de senso comum. Temos trabalhado com a concepção de saúde compreendida na dimensão do corpo vivo ou no



Reconhecimento da saúde como verdade do corpo, no sentido ontológico, não somente pode, mas deve admitir a presença, em termos precisos, como controle e muro protetor da verdade em sentido lógico, ou seja, da ciência. Certamente, o corpo vivido não é um objeto, mas, para o homem, viver é também conhecer. [...] Então, preciso aprender a conhecer o que elas são para poder mudá-las (CANGUILHEM, 2005, p. 48).

Três outros professores dizem observar que muitas estudantes procuram saber sobre maturação biológica e sexual, buscando melhor compreender as diferenças entre homem e mulher, por exemplo, bem como o desenvolvimento maturacional e as mudanças com o passar do tempo. Destacamos a seguinte frase para ilustrar tal situação: *“Aparelho reprodutor, sexo, corpo masculino X feminino.”* (P. 12). Segundo uma professora (P.5) os alunos tem *“Dificuldades em reconhecer as próprias transformações do corpo e dificuldades de se relacionar com essas modificações”*.

Alguns outros professores falam sobre demandas pertinentes às práticas corporais como conteúdos das aulas, naquilo que denominam de potencialidades “naturais” de meninas que seriam diferentes daquelas apresentadas pelos meninos. Relatam, também, comportamentos de preconceito das meninas em realizar determinadas práticas corporais. Sobre a observação de demandas das estudantes, um professor relata: *“Sim, quando é imposto por mim, pois as meninas não gostam muito de participar, mas no geral gostam mais de esportes coletivos (futsal, handebol e vôlei).”* (P.24). Outro professor fala: *“A demanda que observo se foca mais na questão da participação ativa nas aulas, independente do conteúdo que se aplica.”* (P.9).

No que diz respeito às estratégias pedagógicas dos professores frente a situações problemáticas, um professor diz não discutir, mas justifica não o fazer pelo seu pouco tempo de trabalho. Alguns disseram problematizar a temática do corpo apenas quando sentem a necessidade ou quando percebem em seu contexto de aula que precisam discutir isto com as estudantes e, em princípio, *“através do diálogo (conversa) caso precise.”* (P.30). Uma professora relata: *“Acho que é a dificuldade mesmo que o professor tem de tá trabalhando isso. Porque nós temos dificuldade. Porque quando nós não aprendemos, aí na hora de passar, você também não sabe passar...”* (P. 4).

Outro grupo significativo com onze professores informa discutir o corpo numa perspectiva mais crítica, tomando por ponto de partida a influência midiática sobre o senso comum, uma tentativa de esclarecer as alunas algumas relações fetichizantes e reificantes do corpo com a mídia e a indústria cultural. Em entrevista, menciona uma professora sobre a questão de uma discussão crítica do trato com o corpo: [...]

[...] trabalhei a questão da mídia e atividade física. Porque tanto a valorização da atividade física, por que a valorização do corpo, porque o endeusamento do corpo...[...] Eu procuro trabalhar as duas coisas... vamos dizer... a questão fisiológica, da... intensidade da atividade física, tudo isso né? Como deve fazer exercício físico, como deve fazer a musculação, como deve fazer cada exercício, mas também a contextualização... Porque que faz? A mídia explora muito isso aí, tem muita coisa por trás né? Aí eu procuro trabalhar os dois conteúdos." (P.1).

Outro professor informa: *“Busco discutir como a mídia influência o olhar das pessoas sobre as questões padrões de corpo, modismos (ginásticas), etc.”* (P.21). Indicando certa perspectiva multidisciplinar, outro professor relata: *“As questões sobre o corpo são discutidas em inter-relação com*



a disciplina ciências, onde tentamos trabalhar uma consciência corporal mais autônoma e dissociada dos arquétipos corporais transmitidos/incutidos pela mídia.” (P.10).

Num relato mais abrangente, um professor (P.6) informa que [...]

[...] inevitavelmente o corpo é ressaltado, seja em conteúdo que envolva sua estrutura biológica (partes do corpo humano, funcionamento, etc.); em conteúdos culturais (como capoeira, dança que estão sendo trabalhados) ou a própria inserção deste corpo no contexto social (novas danças, televisão, padrões de beleza, preconceito, etc.).

Outra professora (P.8) ao falar sobre o conteúdo dança informa que ali, [...]

a questão do corpo está muito presente. São discutidos ‘sub-temas’ como: explorar o que o corpo é capaz, o que se sente aos toques de outros colegas, o lugar que o corpo ocupa no meio, etc. São sempre discutidos em sala com debate, explanação da professora e atividades práticas.

Entretanto, podemos identificar as influências da indústria cultural no corpo enquanto dança. Segundo Nepomuceno (2010, p. 16)

Podemos dizer que a indústria cultural influencia o corpo dos indivíduos frequentadores dos espaços informais de danças em Goiânia por meio da constante reprodução de modelos de corpos e movimentos dançantes expostos principalmente pela televisão e internet. Esses modelos são facilmente identificados por esses sujeitos que os consomem e reproduzem de uma maneira superficial e acrítica, achando esses modelos a única razão de ser.

Cerca de cinco professores dizem discutir o corpo pela sua maturação biológica e em aspectos de higiene, boa alimentação e saúde, o que parece indicar uma mescla entre corpo e saúde. O “tratar bem” o corpo também manifesta certa reificação ao colocá-los na condição de objeto, reconstruível a vontade de seus proprietários que devem cuidar de aspectos como alimentação e higiene para “moldarem” o corpo ao que se espera de uma aparência de saúde, ou de uma estetização da saúde. Destacamos, ainda sobre esse tema, a fala de duas professoras (P.07 e P.33 respectivamente):

Eu discuto sobre o corpo com os alunos não enfatizando apenas a estética, mas principalmente como mantê-lo bem para preservá-lo sempre saudável, isso é feito através de conversas bem interativas, aonde eu deixo que eles falem bastante. Higiene corporal através de conversa; Postura corporal através de aula expositiva; cuidados com o corpo (alimentação e exercício físico) através de aulas expositivas e práticas.

Outros professores informam discutir a temática com os estudantes, porém, com outros enfoques teórico-metodológicos diversificados em momentos como “Quando elas perguntam por que o corpo mudou os seios estão crescendo...” (P. 34), Uma professora diz que “Durante as aulas surgem questões relacionadas principalmente à diferença de corpo e força do homem e da mulher. Aproveito estas questões para propor atividades e discussões que remetem o assunto.” (P.14). Um professor diz: “Tento mostrar a importância do corpo em tudo o que se vai executar, a importância de práticas desportivas para um corpo saudável.” (P.24). Nesse último caso, a afirmação parece indicar uma relação com o paradigma da aptidão física, sobretudo por sua característica de instrumentalização das práticas corporais como meio para atingir outros objetivos, secundarizando a Educação Física frente a outras disciplinas



acadêmicas. Essa parece, também, ser a concepção de outros quatro professores que informaram trabalhar pedagogicamente para promover uma melhor e mais rápida maturação biológica desse corpo e uma maturação mais saudável. Nessa questão um professor diz: *“Um dos principais itens à ser discutido é sobre o seu desenvolvimento à medida que estão crescendo vão surgindo as transformações e ressaltar que cada um tem suas características próprias.”* (P.28); em mais um exemplo, um professor diz ser necessário às alunas *“Se empenharem num trabalho físico, ou seja, estar sempre dispostas a se movimentar pois, o movimento proporciona um crescimento saudável.”* (P.19).

Chama-nos atenção o quanto a questão da higiene foi ressaltada por vários professores, juntamente com os cuidados com a alimentação, como conteúdos de responsabilidade da disciplina Educação Física. Uma professora informa discutir *“Higiene corporal, Respeito ao próprio corpo.”* (P.05); outra professora diz ser necessário discutir *“A importância higiene pessoal, a prática esportiva e seus benefícios.”* (P.31). Outra professora (P.23) coloca: *“Ainda existe meninas com a questão de ser modelo e não come nada. E outras não se importam com a obesidade.”* Tais dados informam a complexidade do tratamento dado ao corpo e a saúde pelos indivíduos, assim como também pela prática pedagógica em Educação Física, sempre carregada de ambigüidades.

Sobre isso, comenta Vaz (2003, p. 65):

O processo de racionalização do corpo, que encontra no esporte e no treinamento corporal que lhe corresponde uma de suas expressões privilegiadas, tem como desdobramento necessário a sua reificação, sua transformação em objeto manipulável, operável, medido, programado, algo que, aliás, qualquer anatomista, preparador físico ou mesmo atleta sabe como funciona.

Cerca de sete professores informam discutir a questão da erotização precoce do corpo feminino, tentando evitar uma “banalização da sexualidade”. Os professores também parecem acreditar na importância de discutir corpo e sexualidade em associação com as mensagens passadas pela mídia. E outro professor complementa dizendo ser *“[...] necessário discutir a questão da erotização precoce ocorrida com nossas crianças atualmente.”* (P.9). Essa discussão constitui-se de algum conteúdo crítico adverso à indústria cultural, às influências midiáticas, bem como ao processo de fetichização e reificação dos corpos tomados como meros objetos de desejo e consumo, o que parece se colocar com uma preocupação também no trato pedagógico desses professores destacados.

Acerca da concepção pedagógica e do trato com os conteúdos, vários são os indicadores observados nos dados empíricos e que mostram, ao menos nos depoimentos, o predomínio de uma concepção crítica de Educação Física. Um professor diz entender como necessidade *“Conhecer a cultura corporal construído historicamente pela E.F. escolar referenciados na ginástica, nos jogos, brincadeiras, danças.”* (P.13). Outro professor menciona achar importante discutir *“A hegemonia de acesso às práticas corporais pelo gênero masculino e a necessidade de construção de uma contra-hegemonia a esta prática social.”* (P.15). Nessa mesma perspectiva, outra professora acredita ser importante discutir *“Principalmente as questões culturais em que a mulher ao longo dos anos teve que ficar presa sem poder participar de uma série de atividades.”* Além desses, sete outros professores indicaram preocupação com a seleção de conteúdos e suas possibilidades pedagógicas com meninas e meninos.

Questões acerca da auto-percepção de corpo dos pesquisados



Dentre os objetivos da pesquisa encontra-se o de verificar qual é a auto imagem corporal dos professores, buscando estabelecer possíveis correlações com a auto-imagem dos estudantes com foco no corpo.

Analisando os dados verificamos que a maioria dos professores, 44% se vêem acima do peso; 26% se vêem como esbeltos; 18% dizem se ver como pessoas magras; 3% dizem ser obesos; e 9% não responderam a pergunta.

A percepção da auto-imagem corporal de parte significativa dos professores como sendo pessoas acima de seu peso ideal pode ser compreendida de diferentes maneiras. Inclusive como um avanço dos estereótipos de beleza e de uma “estética da magreza”, já há muito difundida pela mídia (SILVA, 2001). Importante destacar que a pergunta não faz referência ao peso efetivo do pesquisado, não pergunta sobre quantos quilos são mostrados no contador da balança no momento em que este sobe no aparelho. Também não utiliza de parâmetros como IMC ou percentual de gordura para definir o *status* de “acima do peso”; apenas indaga como esses professores se vêem quando se encontram em frente a um espelho, revelando bem a subjetividade dessa questão. Uma pessoa que se julgou “acima do peso” pode muito bem não estar nessa condição se utilizarmos outros parâmetros, mais objetivos, para definirmos tal *status*, logo essa percepção do sujeito pode não ser real, devido a uma série de influências sociais, às quais todos estão submetidos. Sendo assim, essa questão muito mais se relaciona a um contexto sócio-histórico e cultural do qual o indivíduo se permeia e que influencia obviamente em como esse indivíduo se vê frente ao espelho, do que se relacionaria a simples dados numéricos referentes a questões de saúde pública.

Objetivou-se também esclarecer se os pesquisados teriam algum ideal de beleza e com isso pudemos observar que a maioria, 53% dos pesquisados, diz não possuir nenhum ideal de beleza; 35% admitem ter um ideal de beleza e por fim, 12% não respondem a pergunta.

Nesse sentido, os professores que disseram não possuir nenhum ideal de beleza, entram em contradição com as respostas prestadas em outra questão acerca do que o pesquisado faz para manter ou atingir este ideal de beleza, tal como veremos mais a frente.

Quando questionamos aos professores acerca de quais as características do que seria considerado belo e, portanto, almejado pelos pesquisados, pudemos notar que os professores respondem a tal questão sob duas perspectivas: ou de discursos com nuances dualistas de corpo e mente, ou com aproximações entre saúde e estética.

Destacamos o relato de uma professora: *“As características são: amor próprio, auto-estima positiva; quem não transfere seus problemas para os outros, etc.”* (P.7); essa mesma professora, no entanto, ao responder a questão 9 - ***“Você faz algo para manter-se ou atingir este ideal de beleza?”*** - diz: *“Sim . Procuo reeducar minha alimentação e pratico atividades físicas todos os dias.”*, mostrando uma certa incongruência entre as respostas. Essa também é a situação de outra professora que responde sobre as características do belo, dizendo: *“Uma pessoa arrumada, educada, humilde.”* (P.30), já na questão citada acima, a mesma professora responde: *“Nem sempre, mas pratico esporte, principalmente voleibol”* (P.30).

Outros quatro professores também mostram em seus discursos tais nuances que poderíamos destacar enquanto dualistas, ao dividir as características de uma pessoa bela em dois blocos: os aspectos subjetivos, relativos a questões como inteligência e auto-estima, e os aspectos objetivos, ou seja, como características corporais adjetivadas esteticamente. Vejamos a fala do professor: *“Carismática, sociável, educada e que se cuide em todos os aspectos, tanto psicologicamente quanto fisicamente”* (P.25); Outro professor, parece também ter tal olhar: *“São vários fatores, desde objetivos: a pessoa ser mais ou menos*



magra, e subjetivos; pessoa inteligente, carinhosa” (P.20). Uma professora faz outro tipo de diferenciação nas características do ser belo, afirmando: *“Fisicamente: Estar com peso normal, cabelo e pele bem cuidados, saúde boa. Emocionalmente: equilibrada e de bem com a vida”* (P.33). O depoimento desses professores mostra certa persistência dos dualismos, porém, tensionados por diferentes perspectivas de compreensão da corporalidade que indicam a incorporação de novos elementos entre os professores de Educação Física, como a literatura acadêmica já vêm demonstrando (BARBOSA, 1996; NOBREGA, 2001; OLIVEIRA, OLIVEIRA, VAZ, 2008).

Outro grupo significativo com cerca de nove professores aproxima-se de um ideal de saúde e estética, valorizando uma aparência que transmita bem estar e saúde. Representativa desse grupo é a percepção de uma professora ao responder com apenas uma palavra o que seria um aspecto de beleza: *“Saudável”* (P.13); outra professora diz: *“É uma pessoa saudável, com corpo bonito, dentes bonitos.”* (P.31). Um outro professor acrescenta: *“Corpo saudável e bem cuidado, e além de tudo e sarado”* (P. 24). Vale frisar que a expressão “sarado” enfatizada pelo professor é carregada de juízo de valores e com uso frequente no senso comum associada a hipertrofia muscular e diminuição do percentual de gordura, diferentemente do seu uso tradicional associado a aquisição da saúde. Por outro lado, de acordo com o estudo de Baptista (2007), a perspectiva do corpo sarado e valorizado, também pode estar relacionada ao valor de troca do corpo, uma vez que ele aumenta.

Um professor informa mais claramente que bonita *“Seria uma pessoa com aparência física saudável”* (P.32). Outra professora responde que uma característica de beleza seria apresentar *“Corpo em forma, saúde.”*. Ainda nessa perspectiva, porém, com outras nuances, uma professora destaca como bela *“Uma pessoa com aparência de saudável e feliz”* (P. 5). Estes dados corroboram as informações apresentadas por Baptista et al (2010).

Ainda nessa perspectiva de saúde relacionada à beleza, uma professora relata valorizar como belo *“[...] as características sociais, os traços, o corpo esbelto, cabelos cuidados, na verdade depende da simpatia da pessoa. Na verdade não tenho um ideal de beleza [...]”* (P.26), porém essa mesma professora quando questionada, sobre se faz algo para manter seu ideal de beleza responde: *“Cuido da saúde”*.

Essa definição de beleza imbricada à saúde merece uma reflexão mais atenta, na medida em que se pode perceber que a “saúde” objetivada não é uma saúde efetiva, dado que está mais no domínio da aparência. A saúde parece-nos, assim, estar intrinsecamente ligada a um processo de estetização que viria, talvez, para legitimar ideais estéticos veiculados largamente na atualidade, seja pela mídia, seja pelas relações pessoais como um todo, e que se inter-relacionam a lógica econômico-social capitalista.

Diferentemente das perspectivas elencadas acima, um professor destaca que *“A beleza é relativa e subjetiva; pois o belo pode ser considerado de uma pessoa para um e de outra para outra.”*. Outra professora informa que *“A beleza física é quase insignificante, mas nem obesa e nem magrela”* (P.23).

Outra questão objetiva traçar um perfil estético personificado por pessoas públicas que se encaixassem nas características que os pesquisados destacaram como de uma pessoa bela. Os pesquisados que identificaram uma pessoa pública correspondendo ao seu ideal de beleza, citaram a entrevistadora Marília Gabriela, as atrizes Jennifer Lopez, Cláudia Raia, Malu Mader, Fernanda Lima, Fernanda Montenegro, Juliana Paes, Daniele Sousa, o ator Brad Pitt e o cantor Samuel Rosa. Pessoas altas e magras como modelos profissionais também são citadas, e duas pessoas especificam a atleta Maureen Maggi como correspondente ao seu ideal de beleza.

Este dado confirma a afirmação de Carvalho (1999 apud NEPOMUCENO, 2010, p. 4):



Ademais, o padrão de corpo que esses veículos expõem são facilmente aceitos pela maioria dos indivíduos sem um mínimo de reflexão crítica. Para garantir sua missão, a indústria cultural expõe pessoas “[...] de projeção na sociedade de consumo estrela de televisão são pessoas que sustentam a filosofia do divertimento. Têm prestígio, são modelos de corpos” [...].

Quando entrevistamos/questionamos os sujeitos conseguimos identificar algumas diferenças entre os vários critérios adotados na seleção das personalidades que eles mencionam como sendo o modelo “ideal” de beleza, estes aspectos nos aparentam ser relacionados ao contato e aparição destas pessoas em meios de comunicação de massa. Com isso, torna-se difícil analisar está relação, haja vista que a subjetividade dos sujeitos pode estar sendo reconstruída a todo o momento de acordo com os interesses propostos por esses meios, pois são sujeitos desse tempo histórico.

Quando questionados sobre seus hábitos e atividades para se aproximarem desse ideal de beleza, os professores informam realizar práticas corporais e por vezes, dizem se cuidar “em todos os aspectos”, sem muitas especificações. Vários dos pesquisados valorizaram, em primeiro plano, a estratégia de exercitação corporal para manter ou atingir o ideal de beleza. Vejamos o relato de um professor: “*Sim, malho bastante*” (P. 24). Outra professora, diz apenas “*Caminhada*” (P.12); Um professor parece organizar-se na mesma perspectiva e informa: “*Sim, pratico atividade física regular e prazerosa*” (P. 32). Já outro professor diz: “*Sim, pratico atividades físicas, lúdicas, de recreação. E me cuido em todos os aspectos*” (P.25).

O cuidado com a alimentação, dentre outros aspectos, também foi observado nas respostas de cerca de 4 professores, dentre as quais destacamos a de uma: “*Sim. Procuo me alimentar corretamente, pratico exercício físico regularmente, cuido da minha pele e cabelo, cuido da minha vida espiritual e mantenho o equilíbrio*” (P. 33). Outra professora também responde com esse enfoque dizendo: “*Sim. Procuo reeducar minha alimentação e pratico atividades físicas todos os dias*” (P. 7). Outra menciona: “*Não. Faço o que penso que todos deviam fazer que é comer bem (envolvendo os nutrientes necessários), faço caminhada, não fumo e tenho lazer*”(P. 4).

As percepções de saúde e estética mostram-se intrinsecamente vinculadas, em boa parte dos sujeitos pesquisados, uma professora inclusive menciona o cuidado com a saúde como uma estratégia à manutenção da beleza, relatando: “*Cuido da saúde*” (P. 26). Tais questões podem nos remeter há uma perspectiva de saúde biologicista onde o não aparecimento de doenças, seja sinônimo de saúde e que toda esta retórica seja de obrigatoriedade única e exclusiva dos sujeitos, não tendo nenhuma relação com os meios sócio-culturais nos quais ele encontra-se inserido.

Importante lembrar, porém, que esse conjunto de dados não é monolítico e outras e variadas perspectivas apareceram na percepção dos professores. Um deles, inclusive, informa: “*Procuo ficar o meu tempo livre ao lado das pessoas que eu gosto, e às vezes lendo algo interessante ou assistindo algum filme também*” (P. 2), e este questionamento caminha em direção a sua resposta a questão anterior acerca das características de uma pessoa bela; qual seja: “*Felicidade, realização pessoal.*”. Outro professor informa, ainda, não possuir estratégias para atingir ideais de beleza: “*Não. Muito menos seguir padrões de beleza difundidos pela mídia. Tenho a minha identidade.*” (P. 1).

O corpo e seus indicadores: considerações acerca dos resultados da pesquisa

Parece-nos que o avanço de um processo de estetização da saúde constitui-se como um dos principais dados desta pesquisa, os quais indicam que parcela significativa dos professores demonstra



estar saudável a uma beleza estética, tal como denominamos aqui, uma “saúde a flor-da-pele”. Dentre essa parcela dos professores, identifica-se uma concepção de saúde que privilegia os dados objetivos e aparentes, não se colocando como uma saúde multi referenciada, uma saúde que com certeza não têm como referencia aspectos como os destacados por Minayo (1992, p.10 apud PALMA, 2001, p. 29) sendo o [...]

[...] resultante das condições de alimentação, habitação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso aos serviços de saúde. É, assim, antes de tudo, o resultado das formas de organização social da produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida.

Ainda no âmbito da discussão sobre corpo, coloca-se a questão da sexualidade que expressa-se na dimensão da corporalidade e nas preocupações pedagógicas dos professores no contato com os estudantes. Discutir mais sobre a erotização do corpo com as alunas parece ser uma necessidade que os professores destacam. Importante lembrar que o processo de erotização, inclusive da infância, apresenta uma dimensão próxima da fetichização da imagem de corpo ou, em outras palavras, na reificação do sujeito que quer “modelar” seu corpo a imagem daquele corpo erotizado, circunstância percebida em algum aspecto pelos professores, conforme demonstram alguns depoimentos.

Muitos professores dizem não ter um padrão de estética, porém, informam cuidar de sua alimentação e exercitar-se de forma regular para atingir seus objetivos. Os dados parecem indicar uma incongruência na definição de beleza, uma vez que cuidar de sua alimentação e realizar atividades físicas são estratégias mais relacionadas à dimensão biológica do que às outras dimensões do indivíduo. A priori, parecem ter sido mais valorizados pelos professores, ao se definir as características de uma pessoa bela, questões relacionada a saúde.

Ainda que considerando necessidades e possibilidade humanas, não se deve descartar, porém, o quanto “cuidar da alimentação” e fazer “atividades físicas”; podem ser estratégias subordinadas a realidades fetichizantes do corpo, tal como identificado por Nóbrega (2001). Compreender esse processo de subordinação aos padrões de beleza difundidos pela mídia e historicamente constituídos, permanece sendo tarefa de todos os educadores em sua auto-avaliação e no transcorrer do processo pedagógico no âmbito escolar.

Relevante é também reconhecer que na percepção dos professores participantes da pesquisa, parece haver a emergência de concepções mais críticas de abordagem e discussão acerca do corpo, ainda que com tensões com as implicações da indústria cultura, o que já representa um avanço em relação a momentos anteriores da Educação Física brasileira.

Os dados dessa pesquisa nos fornecem, assim, subsídios consideráveis a uma perspectiva da concepção de corpo que se encontra em construção entre os professores, do processo de estetização da saúde e sua manifestação “a flor-da-pele”, além das implicações pedagógicas daí decorrentes e que se interligam as relações de gênero e sexualidade no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS:

BAPTISTA, T. J. R. *Educação do corpo: produção e reprodução*. Tese (Doutorado em Educação). UFG, Goiânia, 2007.



BAPTISTA, T. J. R. Reflexões sobre o Corpo em Academias de Ginástica de Goiânia. IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte, I Congresso Distrital de Ciências do Esporte, 22 a 25 de Setembro de 2010, Brasília – DF. Anais... , pp. 174-184. Disponível em: <http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/4concoce/4concoce/paper/viewFile/2590/1159>. Acesso em: 26/04/2011.

BARBOSA, S. R. *Corporeidade: quais são as concepções de corpo presentes nos discursos dos professores de Educação Física da rede municipal de ensino de Uberlândia*. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1996.

CANGUILHEM, G. *Escritos sobre a medicina*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FRAGA, A. B. Histórias sobre o corpo educado no Brasil. *Educação em Revista*, n 47, Jun/2008.

GOELLNER, S. V. A Produção de corpos hígidos: atividade física, saúde e nacionalismo no Brasil no início do século 20. In: GRANDO, B. S. (Org.). *Corpo, educação e cultura: práticas sociais e maneiras de ser*. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2009. p. 75-92.

LÜDORF, S. A. A Prática pedagógica do professor de Educação Física e o corpo de seus alunos: um estudo com professores Universitários. *Revista Pensar a Prática*, vol 08, n. 2, julho/2005.

HASSE, M. Branca, limpa e alinhada: a resignificação da natureza no processo de transformação do corpo feminino (1938-1972). In: GRANDO, B. S. (Org.). *Corpo, educação e cultura: práticas sociais e maneiras de ser*. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2009. p. 53-73.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pirâmide Etária em Goiás – Censo 2010. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/censo2010/piramide_etaria/index.php. Acesso em: 25/04/2011.

MENDES, M. I. B de S.; NÓBREGA, T. P. Cultura de movimento: reflexões a partir da relação entre corpo, natureza e cultura. *Revista Pensar a Prática*, vol. 12, n. 2, Ago/2009.

NEPOMUCENO, M. O Corpo na Dança: Uma Reflexão a partir dos olhares da Indústria Cultural. *Revista Pensar a Prática*, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 119, jan./abr. 2010.



NÓBREGA, T. P. Agenciamentos do corpo na sociedade contemporânea: uma abordagem estética do conhecimento da Educação Física. *Revista Motrivivência*, Ano VII, n. 16, Mar/2001.

OLIVEIRA, M. A. T.; OLIVEIRA, L. P. A.; VAZ, A. F. Sobre corporalidade e escolarização: contribuições para a reorientação das práticas escolares da disciplina Educação Física. *Revista Pensar a Prática*. Vol. 11, n. 3, Dez/2008.

PALMA, A. Educação física, corpo e saúde: Uma reflexão sobre outros “modos de olhar”. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 22, n. 2, p. 23-39, jan. 2001.

SILVA, A, M. *Corpo Ciência e Mercado*: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade. Campinas, SP: Autores associados, 2001.

VAZ, A. F. Aspectos, contradições e mal-entendidos na educação do corpo e a infância. *Revista Motrivivência*, Ano XIII, nº 19, Dez/2002.

VAZ, A. F. Corpo, educação e indústria cultural na sociedade contemporânea: notas para reflexão. *Pro-Posições*. v. 14, n. 2 (41), p. 61-75, maio/ago. 2003

Endereço: Rua 01 Qd.04 Lt.04 N°264 Setor São José, Goiânia, Goiás, Brasil. CEP: 74440-330.

E-mail: brunofef-ufg@hotmail.com

Recurso Tecnológico: Projetor de Imagens e Computador.